

ENTREVISTAS | INTERVIEWS

LUÍS EDUARDO SURIAN BRETTAS

PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DO VALE DO ANHANGABAÚ ¹
ANHANGABAÚ VALLEY RENEWAL PROJECT



Luis Eduardo Surian Brettas é arquiteto e urbanista formado na Faculdade Farias Brito, mestrando em ciências, na Poli/USP.

É superintendente do Desenho da Paisagem da São Paulo Urbanismo, desde 2005, coordenando equipes e desenvolvendo projetos de interesse da cidade.

*Contato: lbrettas@spurbanismo.sp.gov.br
lbrettas@icloud.com.*

LABVERDE – No que consiste e como surgiu o “Projeto de Requalificação do Vale do Anhangabaú”?

BRETTAS – O Centro passou, nos últimos anos, por importantes processos de transformação com o aumento de sua densidade demográfica e reversão do processo de despovoamento dos anos 1980 e 1990. Por outro lado, a vocação do Centro como espaço de passagem foi acentuada, inclusive com aumento de alguns índices de violência e violação dos direitos humanos, permanecendo a degradação de suas estruturas ambientais.

¹ Entrevista conduzida por Ramón Stock Bonzi.

A São Paulo Urbanismo, desde abril de 2013 iniciou um “Diálogo Aberto” com um grande número de pessoas com diferentes conhecimentos, experiências e competências, que juntos estabeleceram uma análise, um diagnóstico e um programa de intervenção nos espaços públicos da cidade, em atendimento ao programa de metas da prefeitura, mais precisamente a meta 72: Requalificação dos espaços públicos do Centro.

Como resultados deste trabalho foram mapeados as condicionantes da vida pública e o papel dos espaços, não somente pela ótica do desenho e da infraestrutura, mas na montagem de um programa de atividades que renove o uso de lugares estratégicos da área central. Iniciando este processo de renovação, o “Diálogo Aberto” nomeou o Vale do Anhangabaú como primeiro lugar estratégico para receber estas mudanças.



Vale do Anhangabaú: lugar estratégico para a renovação do centro da cidade de São Paulo. Fonte: SPURBANISMO.

LABVERDE – Essa não é a primeira vez que se tenta requalificar o Vale do Anhangabaú. A Associação Viva o Centro propôs a liberação de algum fluxo de automóveis na região, também se falou que o Vale seria reformado para receber a Copa do Mundo. No que o “Projeto de Revitalização do Vale do Anhangabaú” se diferencia e se aproxima dessas outras propostas?

BRETTAS – O Vale do Anhangabaú, como coração da cidade, sempre mereceu e merecerá o estudo e a dedicação de diversas pessoas individualmente ou em grupo.

Estudos de microacessibilidade, corredores de ônibus (sobre a laje), plantio ou remoção de árvores sempre causaram reações diversas.

Até mesmo a indicação do Vale como palco da FIFA FanFest, durante o evento Copa do Mundo, causou uma série de reações equivocadas sobre a ação. A escolha teve exclusivamente a ver com o que a cidade quer mostrar para o mundo e se trata de mais um, entre muitos eventos que o Anhangabaú recebe.

O processo “Centro, Diálogo Aberto”, procurou ouvir e entender as diversas demandas, anseios, dificuldades, projetos, etc. e encontrar um programa de consenso.

LABVERDE – O projeto também tem sido divulgado pela imprensa como de “revitalização” do Vale do Anhangabaú. Há algum tempo que a academia critica o uso do termo “revitalização” já que revelaria preconceito com o perfil das pessoas que utilizam os espaços públicos a serem “revitalizados”. Tipicamente são moradores de rua, camelôs e trabalhadores de baixa renda, muito deles informais. Não ver vida onde ela existe significaria que esse público não conta ou não é desejado. No caso do Vale, sempre há muita gente circulando e até mesmo descansando nos canteiros...

BRETTAS – Revitalização não é a palavra, uma vez que o Vale tem uma vida intensa! Requalificação é o termo que estamos usando e o nosso desejo. O programa e estudo preliminar conduzem para um projeto inclusivo em todos os sentidos, compreendendo as diferenças e acolhendo todos os públicos. A proposta tem a ver com a escala humana, ou seja, criar ambientes que sejam agradáveis de estar, ficar!



Proposta pretende criar ambientes agradáveis de estar. Fonte: SPURBANISMO.

LABVERDE – Uma diretriz importante do projeto é o resgate da escala humana. Como se chegou à conclusão de que isso é um desafio para a vida cotidiana no vale do Anhangabaú? No próprio centro há uma série de lugares que estão dentro da escala humana e que também não são utilizados. Será que a falta de uso não pode estar associada a outros fatores? Sempre se fala do esvaziamento habitacional do centro como um todo...

BRETTAS – Não existe falta de pessoas ou esvaziamento no centro, o que falta é estar, ficar com qualidade, espaços agradáveis.

A certeza vem dos diversos levantamentos e contagens realizadas no Vale e entorno, que nos permitem caracterizar o Anhangabaú como um local de passagem, sem atrativos que convidem as pessoas a uma transposição mais calma e com qualidade.

LABVERDE – A ideia da escala humana é marca registrada do arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl. Como se deu a entrada de seu escritório no projeto?

BRETTAS – As ideias do Jan Gehl são compartilhadas por diversas pessoas envolvidas com o desenvolvimento da área central de São Paulo. Após diversas visitas a nossa cidade, desde 2005, recebemos de um patrocinador a doação de serviços de consultoria do escritório Gehl Architects. Desde o início de 2013 contamos com a presença de arquitetos do escritório de Jan que transferiram seus conhecimentos e tecnologia de análise em diversos *workshops* e reuniões com técnicos municipais, arquitetos convidados, estudantes e representantes da sociedade civil.

LABVERDE – O projeto parece ter um forte caráter simbólico, sobretudo do resgate do rio Anhangabaú, que hoje flui oculto sob o túnel Papa João Paulo II. Como isso se desdobrará em espaço construído?

BRETTAS – A alusão à água pré-existente no Vale é quase uma proposta lúdica. O importante é a reinserção da água de uma maneira nova em São Paulo, como um grande atrativo para que as pessoas queiram vir ao Anhangabaú.

LABVERDE – Tendo em vista a séria crise do sistema Cantareira, imagina que a ideia de usar água em uma área tão ampla não pode ser visto como irresponsabilidade? As águas são recicladas? Em especial, foi divulgada a intenção

de usar a água dessas “áreas molhadas” para ajudar na limpeza do vale após grandes eventos.

BRETTAS – Sistemas para criação de espelhos d’água com menos de 2mm de espessura sem dúvida trabalham em circuitos fechados com filtragem e garantia de potabilidade da água. O sistema de drenagem de águas pluviais e de lavagem dá área deve ser totalmente independente.



Espelho d’água faz alusão ao rio Anhangabaú.
Fonte: SPURBANISMO.

LABVERDE – A região também esteve muito associada à presença indígena, que, aliás, considerava o lugar amaldiçoado (Anhangabaú quer dizer “rio do diabo” ou “córrego das almas”, em tupi). Sua paisagem também foi muito ligada às plantações de chá da chácara do Barão de Itapetininga, que abasteciam a cidade no começo do século XIX . Também era usado para lavar roupas, abrigou o anedótico “buraco do Ademar”, foi palco da redemocratização do país com as “Diretas Já!”... Há outras dimensões simbólicas no projeto de requalificação que abordam esses ou outros legados históricos?

BRETTAS – Não, a proposta e o programa não tem nenhuma intenção em criar um cenário de resgate do que o Vale foi, mas sim o de criar uma nova ambiência, atraindo cada vez mais pessoas para o que o Vale pode ser.

LABVERDE – Como é intervir em um espaço tão importante? E em especial, no projeto arquitetônico que leva a assinatura do urbanista Jorge Wilhelm e da arquiteta paisagista Rosa Kliass, ambos importantes referências em suas áreas de atuação.

BRETTAS – O projeto de sucesso do Jorge e da Rosa é um ícone de São Paulo e do Brasil e não será esquecido. Quebrou paradigmas e funcionou por mais de 30 anos.

As mudanças na dinâmica da cidade, do país e do mundo é que indicam a necessidade de um novo pensamento.

A atual proposta não é um trabalho autoral, mas sim uma criação coletiva de um programa para os próximos 100 anos do Vale.

LABVERDE – Como o projeto de requalificação pretende enfrentar os nós de acesso ao Vale? Podemos destacar as estreitas calçadas que conduzem ao Vale quem sai das estações Anhangabaú e São Bento, do Metrô. Também há os jardins e espelhos d’água que bloqueiam o fluxo da av. São João. A chegada por carro também é bastante complicada.

BRETTAS – O programa propõe o resgate do eixo da Av. São João, a remodelação completa das plataformas nos túneis, o tratamento dos acessos, a manutenção dos eixos da Rua Formosa e da Rua Anhangabaú, a criação de uma segunda fachada ativa (com a inserção de quiosques), uma diretriz para a organização dos deslocamentos e a clara indicação para que seja um local para pessoas!

LABVERDE – Uma característica muito importante do projeto é a participação popular. Inclusive com a criação de um canal pela internet.

BRETTAS – O mesmo mecanismo utilizado para receber contribuições ao plano diretor está sendo usado para a proposta de projeto do Vale.

Como programa e estudo preliminar, o projeto que se iniciará proximamente pode levar em conta boas idéias que surjam da contribuição popular através do site do “Gestão Urbana”².

LABVERDE – Até quando irá a consulta pública? Há uma previsão de entrega do espaço para a população? As verbas estão garantidas? O Itaú irá financiar?

BRETTAS – A consulta prosseguirá até o dia da contratação do projeto (em fase de licitação).

¹ <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/>

Nossa idéia inicial é que as obras possam se iniciar no final deste ano, início do próximo ano. O planejamento da obra deve prever o ataque em diversas fases, permitindo que o Anhangabaú continue com sua vida, com interdições setorizadas.

Existe recurso para a contratação do desenvolvimento do projeto e projeto executivo e o início das obras tem recursos garantidos no orçamento. A participação do Banco Itaú se deu exclusivamente na doação dos serviços de consultoria do Gehl Architects.

LABVERDE – Outra inovação do “Projeto de Requalificação do Vale do Anhangabaú” são os pilotos que serão feitos em algumas áreas de intervenção. Como surgiu essa ideia de testar os espaços na escala 1:1?

BRETTAS – A implantação de projetos piloto em escala 1:1 vem da contribuição do escritório Gehl Architects que já fez implantações teste em diversas cidades do mundo.

Estamos estudando alguns testes em quatro diferentes áreas do centro, tratando o estar com qualidade, transporte urbano, ciclovia, transposições de pedestres, experiência de compra, etc.

LABVERDE – Durante a criação do “Projeto de Requalificação do Vale do Anhangabaú” existiu a preocupação com a sustentabilidade? Como ela comparece?

BRETTAS – Todas as obras públicas em projeto consideram a questão da sustentabilidade. No caso da Requalificação do Anhangabaú não poderia ser diferente e a proposta é para que tenhamos uma obra ambientalmente responsável, todos os equipamentos implantados deverão ter alto desempenho energético e temos a proposta para reservação de águas pluviais para serem utilizadas na limpeza dos espaços públicos.

4. DEPOIMENTO

DEPOIMENTO | *TESTIMONY*

4.1 FERNANDO DE MELLO FRANCO

INOVAÇÃO E PROCESSOS COLABORATIVOS NA RENOVAÇÃO DO CENTRO DE SÃO PAULO

INNOVATION AND COLLABORATIVE PROCESSES IN THE RENEWAL OF SÃO PAULO DOWNTOWN



Foto de Heloísa Ballarini/Secom

Fernando de Mello Franco é Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano e Presidente da São Paulo Urbanismo.

É arquiteto e doutor pela FAUUSP. Lecionou no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia da USP São Carlos, Mackenzie e USJT. Foi professor visitante em Harvard.

Tem ampla experiência em projetos de arquitetura e urbanismo, entre os quais se destacam projetos de equipamentos e infraestrutura urbana, habitação social, reurbanização de favelas.

O centro da metrópole de São Paulo é um setor privilegiado. A ampla oferta de empregos, a pujante dinâmica do comércio popular e especializado, o amplo serviço de transporte público, a presença dos órgãos de governo, a oferta de equipamentos culturais, de espaços públicos e a riqueza da sua história o singularizam. O centro é o espaço de representação de toda a sociedade, um campo compartilhado por diversos grupos sociais. E, como tal, o centro se caracteriza por ser um campo de conflito. Logo, mais do que qualificar o espaço dos encontros, pensar e agir sobre a transformação do centro exige enfrentar o projeto de renovação dos seus espaços públicos como um campo de negociação.

Os projetos que a Prefeitura promove no centro não buscam construir novos espaços ou incrementar os já tradicionais, mas, acima de tudo, transformar as estruturas preexistentes através de sua ocupação. O foco é renovar as suas formas de uso e torná-las lugares ativados por intensas dinâmicas urbanas que se alternem no tempo e possibilitem seu compartilhamento.

O propósito da cooperação com o escritório do arquiteto Jan Gehl foi à de compartilhamento de sua metodologia de trabalho que trata da análise e ocupação dos espaços públicos no âmbito dos usos coletivos. Experiência muito bem sucedida na transformação de espaços públicos de grandes cidades como Nova Iorque, Melbourne e Londres. Na proposta “Centro: diálogo aberto” uma primeira etapa de conceituação e proposição das diretrizes reuniu a população usuária do centro, o poder público e projetistas em um processo colaborativo e participativo. Foram realizadas duas grandes oficinas de trabalho quando, através de pesquisas de campo e discussões abertas, foi possível pensar em programas e ações para os espaços públicos do Centro. Observar as pessoas, qualificar suas atividades e quantificar os pedestres são ações simples e um recurso importante para a definição de prioridades de ação. Posteriormente inauguramos um canal aberto no site Gestão Urbana que, assim como outras ações da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, tem permitido o acompanhamento participativo dos projetos em realização (<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/>).

A continuidade do processo permitirá que o projeto vá além da fase de desenho. Três intervenções estratégicas foram selecionadas para se tornarem projetos piloto. Serão provisoriamente construídos para serem testados pelo uso efetivo da população. Testar projetos em escala 1:1 não é usual em urbanismo. O usual é se elaborar reduzidas maquetes, que acostumamos a olhar por cima, de forma impessoal e impenetrável. A

construção dos projetos piloto nos permitirá vivenciar as transformações imaginadas, antes de se tornarem permanentes. Essas experiências terão como intuito aferir como as transformações propostas serão devidamente apropriadas pela população. Só então se produzirão os projetos definitivos.

Entendemos que a cidade de São Paulo, do século XXI, precisa ser pensada a partir da perspectiva de seus habitantes, Em especial, de como significam e resignificam continuamente os espaços em domínio público.

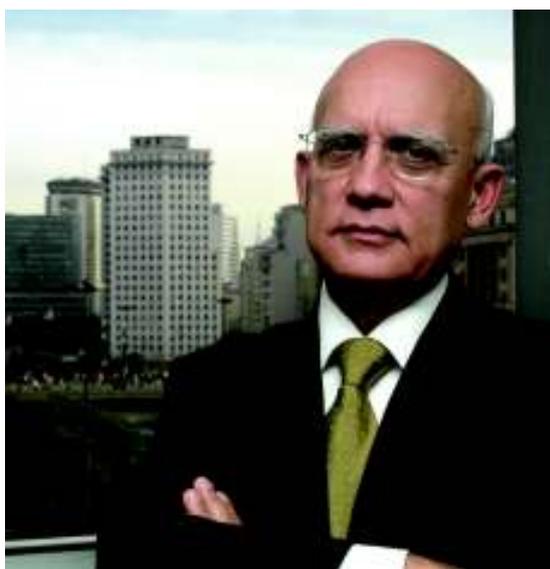
Fernando de Mello Franco

Secretário Municipal de Desenvolvimento Urbano

4.2 MARCO ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA

CRÍTICA AO NOVO PROJETO PARA O VALE DO ANHANGABAÚ

CRITICISM TO THE NEW PROJECT OF ANHANGABAÚ VALLEY



Marco Antonio Ramos de Almeida é engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1972) e superintendente-geral da Associação Viva o Centro, organização sem fins lucrativos, de utilidade pública, que tem por finalidade melhorar a qualidade de vida das pessoas e operação das organizações da região central (www.vivaocentro.org.br).

E-mail de contato: marcoantonio@vivaocentro.org.br

O estudo preliminar e projeto conceitual para nova reurbanização para o Vale do Anhangabaú, que foi submetido à Comissão Executiva da Operação Urbana Centro na sua 18ª Reunião Extraordinária, realizada em 20 de janeiro de 2014, para liberação de verba de R\$ 2,89 milhões para a contratação de projetos básicos e executivos, foi aprovado sem o voto da Associação Viva o Centro, por mim representada, pelas razões que transcrevo a seguir (declaração de voto):

“Consideramos que a proposta apresentada deixou de abordar aspectos fundamentais para a elaboração de um novo projeto para o Vale do Anhangabaú:

1. Não foi apresentada uma análise do projeto atual. Onde o projeto teria falhado, apesar de ter sido fruto de um concurso nacional vencido por arquitetos de renome? Também não foram analisadas as modificações que foram introduzidas no projeto vencedor antes mesmo de sua implantação, contrariando diretrizes do Concurso, bem como as modificações posteriores à sua implantação. Ou seja, o projeto implantado não foi analisado.
2. Não foram apresentadas soluções ou diretrizes para alguns dos principais problemas atuais do Vale:

- a) impossibilidade de acesso adequado à área por veículos particulares, para transporte de pessoas ou abastecimento, taxis e ônibus, o que gera inclusive sensação de insegurança, principalmente à noite;
- b) circulação caótica (excesso de velocidade, falta de sinalização e de trajetos definidos) dos veículos autorizados a entrar na área, o que acarreta insegurança aos pedestres e danos aos pavimentos não projetados para tráfego de veículos;
- c) impossibilidade de melhor utilização das garagens existentes nos edifícios do Vale.

Estas questões, ainda que cruciais, foram abordadas de forma extremamente superficial na proposta (apenas dois parágrafos e um desenho esquemático), isso em uma proposta com 51 páginas, que chegou a tratar de minúcias como o formato de bancos.

3. O partido adotado pela proposta, por outro lado, exacerba um dos maiores problemas do Vale hoje, que é o excesso de eventos com utilização de som amplificado que ali tem lugar, principalmente shows, que degradam o ambiente e prejudicam as atividades cotidianas nos grandes edifícios e equipamentos culturais que margeiam o Vale. Quanto a este aspecto, os esboços apresentados mostram, e o texto defende, a retirada da vegetação, inclusive árvores de grande porte, das áreas mais centrais do Vale, deslocando-as para o seu perímetro, liberando todo o eixo central do Vale para um grande piso frio (“seco”/ “molhado”), para viabilizar a realização de eventos de grande porte, que certamente se tornarão rotineiros.
4. A proposta não coloca nenhuma orientação ou diretriz com relação à questão da gestão do Vale, um dos maiores desafios a serem enfrentados e que faz parte do escopo do projeto a ser contratado.

No nosso entender, as diretrizes e orientações dos consultores da Gehl Architects são válidas e pertinentes e poderiam ser utilizadas desde já no atual projeto, por meio de estímulos aos proprietários, comerciantes, administradores, pequenas intervenções, melhoria da manutenção do Vale e de um novo sistema de gestão que poderia ser implantado, independentemente da realização de grandes e custosas obras.”